

## Resenha

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, 247 p.

Daniela Faria Grama \*

É notório que não são todos os professores de línguas ou pesquisadores que se dão conta do quão importante é a Lexicologia e a Lexicografia. Entretanto, todos lidam profissionalmente com a palavra. Nessa perspectiva, é fundamental que o estudioso da língua e, sobretudo, da área do Léxico lancem mão dos conhecimentos introdutórios e das problemáticas que envolvem essa área. Esta resenha refere-se ao livro **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português dos autores Aline Villalva e João Paulo Silvestre, que abordam essas questões.

Alina Villalva, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e atuante no Laboratório de Psicolinguística do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, fez seu doutorado em Linguística pela mesma universidade e realiza pesquisas nas áreas da Morfologia e do Léxico. João Paulo Silvestre, doutor pela Universidade de Aveiro, em Portugal, também trabalha no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa como investigador nos campos da Lexicologia, da Filologia e da História da Lexicografia.

Entre as várias publicações dos estudiosos, destaca-se que **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português não foi o primeiro trabalho realizado por ambos. **Mutações Lexicais Românicas**: alguns casos particulares (2012); *Participles from a morphological point of view* (2012) e **De bravo a brabo e de volta a bravo**: evolução semântica, análise morfológica e tratamento lexicográfico de uma família de palavras (2011)<sup>1</sup> foram outras publicações de autoria conjunta dos linguistas.

Nas páginas iniciais do livro **Introdução ao estudo do léxico**: descrição e análise do Português, há a explicação de que este faz parte da **Coleção de Linguística** (interrompida na década de 1980 e retomada em 2014) da editora Vozes e de que esta, por meio da divulgação

---

\* Mestranda em Linguística, ILEEL/UFU.

<sup>1</sup> Referências disponíveis em <http://www.clul.ul.pt/pt/investigador/139-alina-villalva> Acesso em: 5 fev. 2015.

de grandes estudiosos internacionais e nacionais, como Chomsky, Halliday, Mattoso Câmara e Mário Perini, contribuiu naquela época para a consolidação da Linguística como campo de pesquisa e disciplina no Brasil.

A obra de Villalva e Silvestre estrutura-se em quatro capítulos: “Léxico”; “Palavras e unidades lexicais”; “Problemas de categorização” e “Lexicografia e descrição do léxico”. Todos se subdividem em subtítulos, o que colaborou para a organização e o esclarecimento do conteúdo proposto. É válido ressaltar que há uma dinâmica interessante de leitura, uma vez que, ao final de cada capítulo, os autores apresentam um resumo do que foi dissertado. Isso e a diversidade de esquemas e quadros relativos ao léxico da língua portuguesa tornam a obra mais didática, embora o conteúdo abordado seja de caráter complexo. Ademais, após cada resumo, há recomendações bibliográficas para o leitor que se interessa pelos tópicos discutidos em cada capítulo. No final do livro, encontram-se ainda 24 exercícios de aprofundamento e pesquisa.

A primeira seção, “Léxico”, inicia-se com a menção de que os autores falarão sobre as características do léxico, de forma a evidenciar as línguas, as variedades de uma língua, os dialetos, o léxico individual de um falante e o léxico enquanto constituinte de uma gramática. O que chama a atenção nesse primeiro capítulo é que os linguistas discutem sobre o léxico de forma minuciosa e bastante ilustrativa ao fazer comparações entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE) sob as perspectivas semântica, morfológica e fonológica.

A perspectiva social e política é considerada por Villalva e Silvestre quando se reportam ao reconhecimento do léxico de uma língua. Para eles, isso pode sofrer mudança em função do que se define como língua ou dialeto, ou seja, o que se define como o repertório lexical de uma língua é coberto de posicionamentos ideológicos. E, para descrevê-lo, de acordo com os autores, pode-se ou não levar em conta, por exemplo, registros orais, menos formais ou de menor admiração.

Os estudiosos também abordam a questão do léxico individual, denominado léxico mental, e diferenciam os conceitos relativos a léxico ativo e passivo. Eles salientam que o conhecimento lexical do indivíduo, tanto o ativo como o passivo, sofre variações constantes e, por isso, é difícil de ser determinado. Aliado a essa questão, eles chamam a atenção ao saber etimológico das palavras. Segundo os autores, parece que, para os usuários de uma língua, a informação etimológica de uma palavra é opcional, o que se interpreta como de pouca importância. No entanto, nota-se que, para Villalva e Silvestre, esse conhecimento histórico é valioso para o falante e pode auxiliá-lo na tarefa de compreender as palavras como unidades

que estão relacionadas. Com o intuito de exemplificar isso, os linguistas lançam mão de exemplos, um deles é o radical do verbo “meter” que está presente em outras formas: prometer, remeter, submeter. Assim, é perceptível que o léxico é tratado como uma rede de palavras interligadas.

Em seguida, informações históricas sobre o léxico da língua portuguesa são descritas, de modo a discorrer sobre a constituição e consolidação desse repertório lexical. De maneira mais extensa, é abordada a variação lexical entre o PB e PE. Nessa parte, o leitor se inteira sobre algumas das diferenças lexicais existentes dentro de uma mesma língua em virtude das distintas regiões geográficas em que é usada. Os autores trazem exemplos de variação diatópica ou de usos lexicais no PE e no PB. Um deles remete-se ao verbo “botar”, que não é utilizado de maneira predominante em Portugal como o é no Brasil, lá há a utilização do verbo “por”. A diferença de escolha lexical também ocorre entre os verbos “jogar” e “atirar/deitar”, pois em Portugal diz-se “deitar o lixo na lixeira”, e no Brasil fala-se “jogar o lixo na lixeira”. Este representa um exemplo relativo a palavras que são usadas em circunstâncias bem diferentes, visto que no Brasil o verbo “deitar” ocorre frequentemente em situações que designam a posição corporal ou a posição de um objeto.

Outra diferença lexical entre PB e PE mencionada pelos autores diz respeito à natureza morfológica de algumas palavras, tais como: prestativo (PB) e prestável (PE), fumantes (PB) e fumadores (PE). Além disso, os linguistas dizem que a variação brasileira do Português possui palavras de origem indígena e africana que não pertencem ao léxico do Português europeu. Eles esclarecem que essas variações existem, são identificáveis e representam a riqueza e a complexidade do repertório lexical do Português de maneira geral.

Essas e outras questões mais profundas presentes no livro, mais do que representarem o estudo descritivo e analítico do Português, realizado cuidadosamente pelos autores, talvez possam confirmar que a língua portuguesa não acontece de uma única forma, mas de várias no cotidiano de diversos falantes que estão imersos em culturas diferentes.

No segundo capítulo, “Palavras e unidades lexicais”, os autores atêm-se, inicialmente, em explanar sobre a definição de palavra. De acordo com os linguistas, essa definição dependerá do ponto de vista que se está estudando a palavra, se é da perspectiva morfológica, fonológica, sintática ou semântica. Para eles, o que os estudos morfológicos indicam ser uma palavra “neste” pode não ser no que se alude, por exemplo, aos estudos sintáticos “em+este”. Os autores afirmam que, dentro dos estudos do léxico, as diferentes formas de se considerar a

palavra são importantes, porque todas as informações que se referem a ela permitem ao estudioso da língua conhecer quais são as possibilidades de comportamento dela.

Em seguida, Villalva e Silvestre trazem à tona a discussão sobre o uso das palavras. Consoante o pensamento deles, só se pode dizer que uma palavra existe caso haja uma maneira de verificar se ela é usada pelo falante. Pelo fato de isso ser extremamente difícil de ser “capturado”, não é possível ter a noção exata do léxico total de uma língua. Os linguistas acrescentam que, embora o dicionário seja um instrumento valioso responsável pela reunião do léxico de uma língua, ele não consegue abarcá-lo em sua totalidade, visto que a língua está em constante ação, isto é, está sendo usada diariamente e está sujeita a mudanças. Villalva e Silvestre, além desta, ponderam outras fragilidades em torno da tão prestigiada obra de consulta: nem tudo que está registrado no dicionário é usado pelos falantes; as palavras escolhidas para compô-lo passam por critérios do dicionarista, das editoras, entre outros.

Os autores fazem uma crítica importante em relação ao comércio dos dicionários: cada vez mais tem sido aceita a presença de palavras derivadas ou de cunho terminológico com o intuito de chamar a atenção do comprador em relação ao número de entradas. De acordo com eles, palavras terminológicas de uso restrito de uma ciência são dispensáveis em um dicionário geral. Nesse caso, cabe lembrar um critério bastante usado para a seleção da nomenclatura de um dicionário: a frequência de uso.

Villalva e Silvestre mencionam os *corpora* lexicais e textuais já disponíveis em ambiente virtual, além de pesquisas na internet, todos como formas de realizar buscas em relação ao léxico da língua, assim, neste século, não apenas o dicionário é visto como um recurso auxiliar do consultante. Em seguida, os linguistas debruçam-se sobre as partes das palavras, trazendo reflexões e informações de cunho morfológico e ainda discutem outras questões sobre a lexicalização das palavras.

Na terceira seção “Problemas de categorização”, os autores explicam sobre as dificuldades que há em categorizar as palavras e fazem críticas em relação à vigente classificação das palavras do português; especificamente abordam as categorias: verbo e nome; substantivo e adjetivo. Neste capítulo, os linguistas remontam, de maneira breve, porém bastante significativa, a aspectos históricos da formação da gramática da língua portuguesa, a fim de discutir questões terminológicas e de explicar as mudanças pelas quais passou. De acordo com os autores, seria mais adequada a recuperação do termo “nome”, classe que incluiria

substantivos e adjetivos. Além disso, eles se posicionam em relação à necessidade de reflexões e discussões que abarquem a atual classificação das palavras do Português.

Villalva e Silvestre também falam acerca do gênero como um caso bastante complexo e importante. Eles esclarecem que na língua materna existem critérios semânticos e formais que auxiliam a estabelecer o gênero. Entretanto, eles mencionam que, apesar de no Português existir a tendência de estipular o gênero feminino para substantivos com referência animada (pessoas e animais) e com índice temático em *-a*, há os denominados comum de dois gêneros, como “jornalista”, que fogem ao critério. Outra questão apontada pelos autores refere-se aos casos de substantivos masculinos que, em uso, aludem a um ser de sexo feminino, como no exemplo: “A Paula é um mulherão”. Estes e outros exemplos analisados pelos linguistas demonstram certa instabilidade da língua no que diz respeito ao gênero do Português e trazem inquietações ao leitor.

No último capítulo “Lexicografia e descrição do léxico”, os linguistas abordam a definição de Lexicografia e Lexicologia. Eles acreditam que, de certa forma, a Lexicografia pode ser vista como consequência da Lexicologia Aplicada, ou seja, nota-se que os autores ressaltam a forte ligação que há entre essas práticas, pois o trabalho lexicográfico depende de um trabalho lexicológico.

Na sequência, Villalva e Silvestre discutem várias questões relativas aos dicionários de língua portuguesa. Destaca-se que os autores apoiam a tendência de se elaborar critérios para a descrição da língua ancorados em estudos lexicológicos e sustentados pela ciência computacional. Os estudiosos lembram que as obras de consulta se constituíram, durante muitos anos, sob a perspectiva do lexicógrafo, denominado como “autoridade normalizadora”, o que permitia descartar elementos da língua que realmente eram usados por grande parte dos falantes em favor daquilo que era considerado conveniente pelo autor do dicionário. Os linguistas ressaltam que o trabalho dicionarístico deve ser pautado não sob a escolha pessoal do lexicógrafo, mas subsidiado por *corpus* que dê a possibilidade de abarcar a língua efetivamente em uso, levando-se em consideração a frequência de uso.

Em seguida, os autores falam sobre as tipologias lexicográficas, e vários termos e conceitos relativos à Lexicografia são explicados, tais como: macroestrutura, nomenclatura ou nominata, microestrutura, verbete, forma-lema, glosa, lema, lexema e lematizar. Villalva e Silvestre aludem às opções de organização de um dicionário, tanto no sentido macroestrutural

quanto no microestrutural, trazendo à luz questões minuciosas relativas às relações sintagmáticas e paradigmáticas.

Por fim, não se pode deixar de mencionar que os exercícios sugeridos pelos autores no final do livro podem ser trabalhados, por exemplo, com discentes da graduação em Letras e abordam o léxico de várias maneiras: comparação entre línguas diferentes a partir da análise de tradução de palavras; comparação entre o léxico do português europeu e do brasileiro; comparação entre dicionário etimológico e geral com o intuito de realizar análise de significados, lematização, análise morfológica, entre outros.

Esta obra deve ser apreciada pelos estudiosos das Ciências do Léxico, uma vez que trata de questões fundamentais e, por vezes, densas relativas ao léxico da língua portuguesa. Além disso, o livro parte da perspectiva de autores portugueses que explanam sobre as diferenças entre o léxico europeu (PE) e o brasileiro (PB), o que, sem dúvidas, traz contribuições profícuas aos estudos dos linguistas brasileiros.

De maneira objetiva, os autores apresentam conceitos imprescindíveis para os especialistas do léxico e, de forma questionadora, discutem sobre o modo de enxergar a língua, ainda pautado em tradições e heranças que simplesmente são aceitas sem questionamentos profundos. Acrescenta-se que o livro possui um conteúdo histórico da língua portuguesa importante, com informações que devem fazer parte da formação de qualquer docente dessa língua.

Resenha recebida em: 17.02.2015

Resenha aprovada em: 04.05.2015